

Avaliação da Eficácia Adaptativa em Atletas de Alto Rendimento: Um Estudo Exploratório

Adaptive Efficacy Assessment in High-Performance Athletes: An Exploratory Study

<http://dx.doi.org/10.18316/2317-8582.15.2>

Evandro Morais Peixoto ¹
Elisa Medici Pizão Yoshida ²
Marcos Alencar Abaide Balbinotti ³
Tatiana Cassia Nakano ²
Daniela Wiethaeuper ³

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC); Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR).

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC).

³ Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR).

E-mail: epeixoto_6@hotmail.com

Recebido : 12/08/2015

Aprovado : 14/10/2015

Resumo

Esta pesquisa, teve como principal objetivo avaliar a Eficácia Adaptativa de uma amostra composta por atletas brasileiros e verificar possíveis diferenças entre os grupos em função da modalidade esportiva (basquete, futsal e vôlei), categoria (juvenil e adulta) e sexo (masculino e feminino). Para tanto, apoiou-se no conceito de eficácia adaptativa desenvolvido por Ryad Simon e na Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para Atletas (EDAO-AR-A), que avalia a eficácia adaptativa de atletas através de dois setores adaptativos (Afetivo Relacional A-R e Produtividade Pr). A amostra foi composta por 150 atletas (idade 21,45 ± 4,14, 50,7% homens). Através da MANOVA, verificou-se uma diferença estatisticamente significativa em função da modalidade esportiva. O teste post hoc de Bonferroni indicou que, no setor A-R, atletas do futsal apresentaram média significativamente maior quando comparado aos atletas do basquete no fator Relações Interpessoais. Através da ANOVA, verificou-se que atletas da categoria juvenil apresentaram níveis significativamente superiores no fator Autocontrole, correspondente aos dois setores adaptativos. Em relação ao sexo, atletas do sexo masculino apresentaram média significativamente superior no fator Autocontrole, setor A-R; no fator Enfrentamento, setor Pr e na Eficácia Adaptativa geral. Identificou-se diferentes contextos que influenciam os processos adaptativos em atletas de alto rendimento.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; Esporte; Eficácia adaptativa; Autorrelato.

Abstract

This research aimed to evaluate the adaptive efficacy of Brazilian athletes samples and verify possible differences between groups depending on the sport modality (basketball, futsal and volleyball), category (youth and adult) and gender (male and female). Therefore, this research is based on the theory of adaptive efficacy developed by Ryad Simon and on the Adaptive Operational Diagnostic Scale for Athletes (EDAO-AR-A), that assesses the effectiveness of adaptive efficacy in athletes through two adaptive sectors (Affective Relational A-R and Productivity Pr). This

research sample comprised 150 athletes (21.45 ± 4.14 years, 50.7% men). MANONA test indicated a statistically significant difference in terms of sport modality. The Bonferroni post hoc test indicated that futsal athletes presented a significantly higher mean in the A-R sector when compared to basketball athletes in the Interpersonal Relations factor. ANOVA test showed significantly higher Self-control factor levels for youth athletes, corresponding to the two sectors. Regarding gender, male athletes had significantly higher means in Self-control factor in the A-R sector; Coping in the Pr sector and overall Adaptive Efficacy. It was identified different contexts that may affect adaptive processes in high-performance athletes.

Keywords: Psychological assessment; Adaptive efficacy; Sport; Self-report.

Introdução

Esta pesquisa, de base exploratória, teve como principal objetivo avaliar a Eficácia Adaptativa de uma amostra composta por atletas brasileiros. Para tanto, apoiou-se no conceito de eficácia adaptativa desenvolvido por Simon^{1,2} e na Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para Atletas (EDAO-AR-A)³. Uma retrospectiva da teoria da adaptação é apresentada, passando pelos avanços que ela obteve nas últimas décadas até o desenvolvimento da EDAO-AR-A. Destaca-se a importância da aplicação desse construto no contexto esportivo e sua contribuição frente ao constante desafio de compressão global dos atletas.

Desde os primeiros trabalhos realizados na psicologia do esporte, os profissionais dedicados a essa área do conhecimento se empenham em compreender as respostas comportamentais emitidas por atletas no enfrentamento dos desafios cotidianos, em especial nos treinamentos e competições. A fim de cumprir tais objetivos, esforços foram dispendidos para a compressão de algumas características psicológicas específicas, que supostamente estariam ligadas ao sucesso esportivo, tais como: traços de ansiedade, estados ansiogênicos, motivação, agressividade, determinação, persistência, liderança, extroversão-introversão, entre outros.

De acordo com Gomes⁴, tais características das pesquisas em psicologia do esporte apresentam-se em dissonância com as intenções dos estudiosos contemporâneos, os quais objetivam a compreensão do sujeito em sua totalidade, através de uma postura integrativa. Ainda que as situações competitivas possam constituir-se em fontes importantes de estresse^{5,6} e ansiedade⁷, fatores extra competitivos, como problemas de relacionamento, conflitos familiares e exigências sociais, dentre outras situações da vida pessoal do atleta, não devem ser considerados menos importantes^{8,9,10,11}.

Dessa maneira, ter conhecimento de como o atleta se adapta às exigências nas diferentes esferas da vida tem se tornado um importante desafio a ser enfrentado pelos pesquisadores e profissionais práticos envolvidos no contexto esportivo. Como consequência, os pesquisadores da área têm se deparado com a necessidade de buscar construtos teóricos capazes de compreender as respostas dos atletas, bem como o fenômeno esportivo, numa perspectiva dinâmica, multidimensional e holística^{4,12,13}. Para tanto, lançam mão de modelos teóricos que possam ajudá-los a compreender o atleta e os tipos de respostas emitidas por eles diante das exigências que circundam o ambiente profissional e pessoal^{12,14,15,16}.

Na tentativa de preenchimento dessa lacuna tem se destacado o construto psicológico da

adaptação. Segundo Schinke, Tenenbaum, Lidor e Battocchio¹⁷, a adaptação de atletas, no contexto esportivo, diz respeito à capacidade de restauração do equilíbrio emocional e psicológico através da utilização de estratégias bem-sucedidas empregadas para superar o estresse associado à situação a ser enfrentada no esporte. Contudo, Battocchio¹⁸ destaca que a adaptação não é um novo conceito em psicologia, pois já vem sendo objeto de estudo há mais de meio século. O que ocorre no esporte de alto rendimento é uma “onda de interesse”, que tem sido observada recentemente quanto aos processos adaptativos dos personagens envolvidos nesse cenário, em especial os atletas. Mais precisamente, apenas a partir de 2003 através da pesquisa desenvolvida por Tenenbaum, Jones, Kitsantis, Sachs e Berwick, o conceito adaptação passou a ser aplicado no esporte¹⁷.

Para Battocchio¹⁸, as pesquisas sobre adaptação em psicologia do esporte podem ser divididas em duas categorias: “pesquisas a-teóricas” e “pesquisas teóricas”. A primeira categoria reúne as pesquisas que tiveram por objetivo explorar o processo adaptativo e o resultado da adaptação através de método indutivo. Nesse caso, trata-se de pesquisas que não se baseavam em teorias estabelecidas *a priori*. Como exemplos, são apresentados os estudos de Tenenbaum, Jones Kitsantas, Sacks, e Berwick¹⁹, Schinke et al.²⁰ (2006), Campbell e Sonn²¹. A segunda categoria é composta por estudos que se baseavam em arcabouços teóricos pré-estabelecidos. Dentre estes, destacam-se os estudos de Schinke, Battocchio, Dubuc, Swords, Apolloni, e Tenenbaum²²; Battocchio et al.²³ e Battocchio, Schinke, McGannon, Tenenbaum, Yukelson, e Crowder²⁴.

Esse quadro demonstra o crescente interesse pelos processos adaptativos e respostas adaptativas apresentadas pelos atletas frente às demandas enfrentadas no cotidiano esportivo e social. Contudo, esse quadro diz respeito às pesquisas realizadas internacionalmente. Em relação ao Brasil, ainda se observa baixa produção científica sobre a aplicação do construto psicológico adaptação no contexto esportivo. Dentre as pesquisas realizadas, Peixoto, Honda e Yoshida²⁵ descrevem a importância da adaptação no enfrentamento das demandas oriundas da transição na carreira esportiva. Peixoto²⁶ propôs o desenvolvimento da Escala Diagnóstica Adaptativa para Atletas (EDAO-AR-A), instrumento que se baseia na concepção de que a eficácia adaptativa corresponde à capacidade do sujeito em enfrentar as vicissitudes da vida, conforme teorizado por Simon^{1,2}. E Peixoto, Yoshida, e Nakano²⁷ apresentaram as primeiras evidências de validade da EDAO-AR-A.

Peixoto²⁸ aponta que, dentre as características que favorecem a inserção desse aporte teórico na psicologia do esporte, destaca-se o fato deste não se basear na detecção de características psicopatológicas, mas sim na investigação da adaptação do indivíduo frente às circunstâncias da vida¹. Ao contrário da maioria dos construtos psicológicos, a Eficácia Adaptativa foi desenvolvida para a compreensão geral de indivíduos pertencentes a populações não clínicas, ou seja, como um instrumento que permitisse uma abordagem de psicodiagnóstico preventivo. Essa característica torna-se importante uma vez que atletas, ao longo de suas carreiras, passam por um rígido processo de seleção, que diminui a probabilidade de manutenção de um indivíduo com características psicopatológicas acentuadas nesse contexto. Outro ponto de grande relevância diz respeito ao fato de essa teoria proporcionar a compreensão das respostas adaptativas nos diferentes setores da personalidade, possibilitando uma avaliação global do funcionamento do indivíduo.

Escala diagnóstica adaptativa para atletas (EDAO-AR-A)

O conceito de adaptação foi definido por Simon¹ como “o conjunto de respostas de um organismo vivo, em vários momentos, a situações que o modificam, permitindo manutenção de sua organização” (p.14). Para o autor, o modo como a pessoa se adapta permite a manutenção de sua organização diante das necessidades da vida, e, em última instância, a adaptação seria uma condição para sobrevivência. Nesse sentido, a dicotomia adaptado e não adaptado parece não haver sentido quando aplicada aos seres vivos, uma vez que enquanto há vida pode-se inferir que algum modo de adaptação se faz presente. Assim, o conceito de adequação, definido como “a resposta a um problema que permite a obtenção de resultado útil consoante com determinado esforço”¹ (p. 16), passa a ter um caráter essencial para a classificação diagnóstica da adaptação, na medida em que possibilita a operacionalização desse construto e, assim, lhe atribui um valor classificatório.

Para a avaliação da eficácia adaptativa, Simon^{1,2} desenvolveu a Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO). Idealizada na década de 1970, a EDAO foi concebida com o objetivo de avaliar uma população não clínica, mais especificamente composta por universitários, visando à implementação de um programa de prevenção de distúrbios mentais. Nesse modelo de avaliação, a eficácia adaptativa decorreria da qualidade da adequação das respostas do sujeito em dois setores da personalidade: afetivo-relacional (A-R) e produtividade (Pr)². O setor A-R compreende o conjunto de respostas emocionais do sujeito em relação a si mesmo e nas relações interpessoais; o setor Pr, a totalidade das respostas frente ao trabalho, estudo ou qualquer atividade produtiva de ocupação principal do indivíduo, mesmo que de natureza artística, filosófica ou religiosa.

Foram, então, definidos três níveis de adequação às respostas de um sujeito: adequada, pouco adequada e pouquíssimo adequada, de acordo com os seguintes critérios: 1) solução do problema, 2) grau de satisfação obtida pelo sujeito com a solução encontrada e 3) intensidade do conflito quanto às normas internas e culturais advindas das soluções adotadas. Para que a resposta seja classificada como adequada, além da solução, deve trazer satisfação ao indivíduo e não criar conflitos intrapsíquicos ou ambientais. Uma resposta pouco adequada não contemplaria um dos critérios 2 ou 3 e, por fim, uma resposta pouquíssimo adequada não apresentaria, em sua solução, nenhum dos dois últimos critérios. Nessa perspectiva, a avaliação dos setores adaptativos fornece um quadro geral do funcionamento da personalidade e de seus recursos face às vicissitudes e desafios da vida^{1,2,28}.

Desde sua idealização, a EDAO tem se mostrado bastante útil em diversos contextos e em diferentes situações²⁹, inclusive no contexto esportivo³⁰. Contudo, devido a algumas limitações, a EDAO-R pode se mostrar de difícil aplicação, na medida em que entrevistas nem sempre são possíveis de serem realizadas. Visando superar essa limitação, uma versão de autorrelato (EDAO-AR) foi desenvolvida³¹ para a avaliação de pacientes ambulatoriais e população não clínica. Com base nessa escala, Peixoto e Yoshida³ desenvolveram uma versão específica para avaliação de atletas, denominada Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para Atletas ou EDAO-AR-A.

Notadamente, a EDAO-AR-A pode contribuir para o preenchimento de importantes lacunas na literatura brasileira ao propor um rastreamento do processo adaptativo de atletas diante os diferentes setores da personalidade. Embora seja clara a importância do conhecimento quanto

à capacidade adaptativa de atletas, no Brasil, ainda são escassos os estudos que descrevam tais características nessa população. A fim de contribuir para o preenchimento dessa lacuna, esta pesquisa, de base exploratória, se baseia nas seguintes questões: Quais são as principais características de atletas de alto rendimento quanto ao nível de adaptação? Existem diferenças significativas entre o nível de adaptação apresentado por atletas de diferentes modalidades esportivas, categorias competitivas e sexo?

Método

Participantes

A amostra foi composta por 150 atletas de diferentes modalidades esportivas: Basquete (34,7%), Futsal (36,0), e Vôlei (29,3), com idade igual ou superior a 18 anos ($M = 21,45 \pm 4,14$, 50,7% homens). Estes foram inscritos nas instituições federativas estaduais das respectivas modalidades sob as categorias juvenil (30%) e adulta (70%), que disputam campeonatos da primeira divisão dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Quanto ao estado civil, 88,7% eram solteiros; 9,3%, casados/união estável; e 2%, divorciados/desquitados. E quanto ao nível de escolaridade, 40% tinham ensino médio completo; 38%, ensino superior incompleto; 11,3%, ensino médio completo; 9,3%, ensino superior completo; e 1,4%, ensino fundamental completo.

Instrumentos

Dados sociodemográficos: essa ferramenta teve como principal objetivo a investigação das características da amostra como modalidade esportiva, categorial esportiva, idade, sexo, estado civil e escolaridade.

Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada de Autorrelato para Atletas (EDAO-AR-A): a escala tem como objetivo medir a eficácia adaptativa de atletas, de acordo com a teoria da adaptação^{1,2}, resumida na Introdução. A EDAO-AR-A é composta por 46 itens divididos em: 22 itens para avaliar a qualidade da eficácia adaptativa do setor A-R e 24 para o setor Pr. Cada item conta com três opções de respostas correspondentes aos diferentes níveis de qualidade adaptativa - adequada, pouco-adequada e pouquíssimo-adequada, sendo que o respondente deve assinalar apenas uma das alternativas. As respostas aos itens foram ponderadas de acordo com os critérios propostos por Simon para a EDAO. No setor A-R: 3 (adequada), 2 (pouco-adequada), 1 (pouquíssimo adequada) e no setor da Pr: 2 (adequada), 1 (pouco-adequada) e 0,5 (pouquíssimo-adequada). Contudo, deve-se arredondar os valores médios dos escores das escalas A-R e da Pr antes de somá-los.

Para os arredondamentos, segue-se os seguintes critérios: escores entre 2,61 e 3,00 da escala A-R e Pr arredonda-se para 3 (adequado); entre 2,00 e 2,60, para 2 (pouco-adequado); e entre 1 e 1,99, para 1 (pouquíssimo adequado). Para o resultado final da avaliação, segue-se os mesmos critérios desenvolvidos por Simon². Os critérios são: (Grupo 1) Adaptação eficaz, quando AR e Pr são adequados; (Grupo 2) Adaptação ineficaz leve, quando um dos setores é adequado e o outro é pouco adequado; (Grupo 3) Adaptação ineficaz moderada, quando ambos são pouco adequados, ou um é adequado e o outro pouquíssimo adequado; (Grupo 4) Adap-

tação ineficaz severa, quando um setor é pouco e o outro pouquíssimo adequado; (Grupo 5) Adaptação ineficaz grave, quando ambos são pouquíssimos adequados.

Um estudo que avaliou a estrutura interna do instrumento indicou que a ambas as escalas avaliam a adequação de acordo com três fatores A-R: F1 autocontrole (7 itens); F2- Enfrentamento da tarefa (6 itens) e relações interpessoais (9 itens). Quanto à Pr: enfrentamento da tarefa (9 itens); autocontrole (6 itens) e relações interpessoais (9 itens). Em relação à consistência interna, foram atingidos índices aceitáveis para ambas as escalas, alfa de Cronbach igual a 0,68 e 0,79. Para os fatores, tais índices variam entre 0,46 e 0,72²⁷. A avaliação geral da eficácia adaptativa é alcançada a partir da somatória dos escores obtidos nas Escalas A-R e Pr.

Procedimentos

Coleta de dados – Inicialmente, o projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade XXX (N. Parecer 9899/2012). Em segundo momento, o pesquisador realizou o contato com as agremiações esportivas através das informações contidas em sites de federações esportivas, bem como por sua rede de contatos. Foram contatados os diretores das equipes esportivas a fim de obter autorização formal por parte das instituições. Assim, entrou-se em contato com os técnicos das respectivas equipes para agendar uma apresentação da pesquisa aos potenciais participantes (atletas). No intuito de interferir o mínimo possível na rotina dos indivíduos envolvidos, essas apresentações foram agendadas para momentos posteriores aos treinamentos, nos quais o pesquisador informava os objetivos da pesquisa aos atletas e técnicos, assim como procedimentos de participação, riscos e cuidados éticos. Aos atletas que aceitavam participar da pesquisa, solicitava-se que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As aplicações dos instrumentos foram realizadas em espaços localizados nos próprios centros de treinamentos, coletivamente. Para tanto, buscava-se condições mínimas de privacidade.

Análises estatísticas – Inicialmente, avaliou-se os dados a partir de estatística descritiva (média, desvio padrão, mínimo e máximo), apresentada em cada das variáveis analisadas. Para avaliação da significância dos fatores modalidade esportiva e sexo sobre a Eficácia Adaptativa, empregou-se a Análise Multivariada da variância (MANOVA). Como variável independente, foram avaliados os escores apresentados pelos sujeitos em cada um dos fatores das escalas que compõem a EDAO-AR-A. Como variável dependente, foi tomado o pertencimento aos grupos que compuseram os diferentes extratos amostrais, modalidades esportivas: Basquete, Futsal e Vôlei. Para as variáveis que apresentaram efeito de interação, empregou-se o teste post hoc de Bonferroni para a realização das comparações pareadas. Por fim, Análises de Variância (ANOVAs *On-way*) foram empregadas a fim de realizar as mesmas comparações em função das categorias competitivas e sexo dos participantes. Em ambos os casos, estabeleceu-se nível de significância igual a 0,05. Todas as análises foram realizadas com apoio do *Statistics Package for Social Sciences* (SPSS v. 20).

Resultados

De acordo com o primeiro objetivo desta pesquisa, estimou-se as estatísticas descritivas média, desvio padrão mínimo e máximo dos fatores que compõem a EDAO-AR-A, assim como os escores apresentados para a escala total, apresentados pelos participantes das diferentes modalidades esportivas: basquete, futsal e vôlei, conforme apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: estatísticas descritivas EDAO-AR-A de acordo com a modalidade esportiva.

EDAO-AR	Basquete			Futsal			Vôlei		
Setor A-R	M. DP.	Min.	Max.	M. DP.	Min.	Max.	M. DP.	Min.	Max.
Aut.	2,73 ± 0,23	2	3	2,71 ± 0,25	2,14	3	2,71 ± 0,28	1,57	3
Enf.	2,63 ± 0,33	1,83	3	2,66 ± 0,27	2	3	2,64 ± 0,32	1,67	3
R. I.	2,58 ± 0,20	2,11	3	2,68 ± 0,17	2,22	3	2,60 ± 0,28	1,67	3
Total	2,65 ± 0,19	2,17	2,96	2,68 ± 0,19	2,29	3	2,65 ± 0,22	1,86	3
Setor Pr									
Enf.	2,47 ± 0,30	1,56	2,89	2,52 ± 0,27	1,56	3	2,53 ± 0,27	1,89	3
Aut.	2,56 ± 0,25	2	3	2,65 ± 0,30	1,17	3	2,64 ± 0,27	1,83	3
R. I.	2,61 ± 0,24	2	2,89	2,63 ± 0,24	2,11	3	2,56 ± 0,32	1,33	3
Total	2,55 ± 0,20	2,02	2,89	2,60 ± 0,21	1,98	2,91	2,58 ± 0,24	2,02	2,96
E. A. Geral	5,20 ± 0,35	4,19	5,78	5,28 ± 0,32	4,39	5,83	5,23 ± 0,42	3,88	5,96

Conforme apresentado na Tabela 1, nota-se que, no setor A-R, majoritariamente, os valores médios apresentados são equivalentes ao nível de adaptação adequado. Contudo, observa-se que entre os participantes da modalidade basquete e vôlei, o valor médio indica nível de adaptação pouco adequado no fator Relações interpessoais. No setor Pr, notadamente, valores médios denunciam nível de adaptação pouco adequado nos seguintes fatores: Enfrentamento da tarefa (basquete, futsal, vôlei), Autocontrole (basquete), e Relações interpessoais entre (vôlei). Para o escore total desse setor, observa-se que os valores médios indicam níveis pouco adequados de adaptação. Por fim, as estatísticas mínimo e máximo indica que, em todas as modalidades, se encontram pessoas com níveis adequado, pouco adequado e pouquíssimo adequado de adaptação.

Através da Análise Multivariada da variância (MANOVA), verificou-se a existência de uma diferença estatisticamente significativa em função da modalidade esportiva sobre a adequação dos participantes da pesquisa, improvável de ter ocorrido apenas por erro amostral $F(3,00) = 2,709$, $p = 0,04$. Através do teste *post hoc* Bonferroni, pôde-se observar que, no que diz respeito ao setor AR, grupo de atletas da modalidade futsal apresentou média significativamente maior do que o grupo de atletas da modalidade basquete no fator Relações Interpessoais ($M = 2,68 \pm$

0,17 vs $2,58 \pm 0,20$; $p= 0,04$).

As mesmas estatísticas descritivas foram estimadas em consideração às diferentes categorias esportivas: juvenil e adulta. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2: Estatísticas descritivas EDAO-AR-A de acordo com a categoria esportiva.

EDAO-AR	Juvenil			Adulta		
	M. DP.	Min.	Max.	M. DP.	Min.	Max.
Setor A-R						
Aut.	$2,80 \pm 0,20$	2,29	3	$2,68 \pm 0,26$	1,57	3
Enf.	$2,60 \pm 0,34$	1,67	3	$2,66 \pm 0,29$	1,83	3
R. I.	$2,58 \pm 0,22$	2,11	3	$2,64 \pm 0,21$	1,67	3
Total	$2,66 \pm 0,20$	2,15	3	$2,66 \pm 0,18$	1,86	3
Setor Pr						
Enf.	$2,56 \pm 0,23$	1,89	3	$2,47 \pm 0,29$	1,56	3
Aut.	$2,73 \pm 0,19$	2,33	3	$2,57 \pm 0,29$	1,17	3
R. I.	$2,62 \pm 0,27$	1,33	3	$2,59 \pm 0,26$	1,89	3
Total	$2,64 \pm 0,17$	2,89	2,89	$2,55 \pm 0,23$	1,98	2,96
E. A. Geral	$5,30 \pm 0,34$	4,49	5,83	$5,21 \pm 0,37$	3,88	5,96

De acordo com a Tabela 2 observa-se que no setor A-R os valores médios são correspondentes ao nível de adaptação adequado entre os participantes da categoria adulto. Atletas da categoria juvenil apresentaram nível correspondente a pouco adequado no fator Relações interpessoais. Para o setor Pr os valores médios indicam nível de adaptação pouco adequado para o grupo de atletas da categoria juvenil no fator Enfrentamento da tarefa, e nível de adaptação pouco adequado nos fatores Enfrentamento da tarefa, Autocontrole e Relações interpessoais, o que resultou em nível de adaptação pouco adequado para o setor Pr. Além disso, valores mínimo e máximo indicam que em ambas as categorias se encontram pessoas com níveis adequado, pouco adequado e pouquíssimo adequado de adaptação nos setores adaptativos.

Através da análise univariada de variância (ANOVA), verificou-se diferenças no nível de adequação dos participantes em função da categoria esportiva. Dessa maneira, observou-se que atletas da categoria juvenil apresentaram níveis significativamente superiores no fator Autocontrole ($M= 2,8 \pm 0,20$) quando comparados ao grupo de atletas da categoria adulta ($2,68 \pm 0,26$; $F= 5,853$, $p= 0,01$). O mesmo fenômeno foi observado quanto ao fator Autocontrole referente ao setor Pr, no qual se observou os seguintes resultados: ($M= 2,73 \pm 0,19$, vs $2,57 \pm 0,29$; $F=11,501$, $p< 0,01$), e a adequação geral do setor Pr ($M= 2,64 \pm 0,17$ vs $M= 2,55 \pm 0,23$, $F= 6,333$, $p= 0,01$). Isso sugere melhor nível adaptação neste setor para atletas da categoria juvenil.

Por fim, se avaliou os escores apresentados por homes e mulheres quanto às características adaptativas. As estatísticas descritivas apresentadas por ambos os grupos são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3: Estatísticas descritivas da EDAO-AR-A de acordo com a sexo dos participantes.

EDAO-AR	Mulheres			Homens		
	M. DP.	Min.	Max.	M. DP.	Min.	Max.
Setor A-R						
Aut.	2,65 ± 0,25	2	3	2,78 ± 0,23	1,57	3
Enf.	2,63 ± 0,30	1,83	3	2,66 ± 0,30	1,67	3
R. I.	2,64 ± 0,18	2,11	3	2,61 ± 0,25	1,67	3
Total	2,64 ± 0,17	2,17	2,96	2,68 ± 0,20	1,86	3
Setor Pr						
Enf.	2,41 ± 0,32	1,56	3	2,58 ± 0,22	1,89	3
Aut.	2,57 ± 0,29	1,17	3	2,66 ± 0,25	1,83	3
R. I.	2,59 ± 0,24	1,89	3	2,61 ± 0,28	1,33	3
Total	2,53 ± 0,23	1,98	2,91	2,62 ± 0,19	2,02	2,96
E. A. Geral	5,17 ± 0,35	4,19	5,85	5,30 ± 0,36	3,88	5,96

A partir da Tabela 3, observa-se que, no setor A-R, todos os valores médios indicam níveis de adaptação adequados. No setor Pr, notadamente, as mulheres apresentam nível pouco adequado em todos os fatores que compõem a escala, assim como no valor correspondente à adaptação total do setor. Os homens, por outro lado, apresentam valor médio correspondente ao nível pouco adequado apenas no fator Enfrentamento da tarefa. Além disso, valores mínimo e máximo indicam que, em ambos os grupos, se encontram pessoas com níveis de adaptação adequado, pouco adequado e pouquíssimo adequado nos setores adaptativos.

Através da ANOVA, verificou-se diferenças no nível de adequação dos participantes em função do sexo. Dessa maneira, observou-se que atletas do sexo masculino apresentaram média significativamente superior no fator Autocontrole ($M = 2,78 \pm 0,23$), no setor A-R, quando comparado a atletas do sexo feminino ($M = 2,65 \pm 0,25$; $F = 10,252, p < 0,01$). No setor Pr, os homens apresentaram médias significativamente superiores no fator Enfrentamento da tarefa ($M = 2,58 \pm 0,22$) quando comparados a atletas do sexo feminino ($M = 2,41 \pm 0,32$; $F = 14,461, p < 0,01$), assim como na Eficácia Adaptativa geral do setor Pr ($M = 2,62 \pm 0,20$ vs $2,53 \pm 0,23$; $F = 7,067, p < 0,01$). Notadamente, esses resultados refletiram a eficácia adaptativa geral (soma dos escores dos setores A-R e Pr), sugerindo que os homens apresentaram níveis significativamente superiores de Eficácia Adaptativa ($M = 5,30 \pm 0,36$) quando comparados às mulheres ($M = 5,17 \pm 0,35$; $F = 4,998, p = 0,02$).

Por fim, considerando os resultados da amostra total, verificou-se a distribuição da classificação final da eficácia adaptativa. Os resultados indicaram que 45,3% dos atletas foram classificados no grupo 1, adaptação eficaz; 27,3%, no grupo 2, adaptação ineficaz leve; 25,3%, no grupo 3, adaptação ineficaz moderada; e 2%, grupo 4, adaptação ineficaz severa.

Discussão

Esta pesquisa teve como principal objetivo a avaliação da Eficácia Adaptativa de uma amostra composta por atletas brasileiros. Para tanto, baseou-se no conceito de eficácia

adaptativa^{1,2} através da EDAO-AR-A³. Os resultados indicam variação nos índices de adaptação apresentados por grupos que compuseram os diferentes extratos amostrais, como modalidade esportiva, categorial esportiva e sexo. Além disso, estatísticas descritivas demonstram variação no nível de adaptação dos sujeitos pertencentes ao mesmo grupo. Demonstrou-se, assim, a utilidade das informações advindas da avaliação da eficácia adaptativa para o desenvolvendo do diagnóstico esportivo de um atleta, haja vista a importância de se ter conhecimento da maneira como essas pessoas respondem aos desafios cotidianos nos contextos relacional e esportivo^{12,16,17}.

Verificou-se que, no setor A-R, atletas da modalidade futsal apresentaram níveis de adequação superior àquele apresentado pelo grupo de atletas da modalidade basquete no fator Relações interpessoais. Isso indica maior capacidade dos indivíduos que compuseram o primeiro grupo em apresentar respostas adaptativas mais adequadas diante das situações problemas que emergem da convivência e da relação com as outras pessoas. Enquanto o primeiro grupo apresentou tendência em responder a essas situações problemas com respostas adaptativas adequadas, o segundo apresentou tendência a recorrer a respostas pouco adequadas. Embora ainda não sejam conhecidos no Brasil estudos que tiveram por objetivo comparar a adaptação de atletas de diferentes modalidades, tais informações convergem parcialmente aos resultados encontrados por Nobrega³⁰. Ao avaliar a eficácia adaptativa de oito atletas juvenis da modalidade basquete, através de entrevistas clínicas, o estudo de Nobrega verificou diferentes níveis de eficácia adaptativa entre os atletas: quatro pessoas com nível de adaptação ineficaz moderada, duas com nível de adaptação eficaz e duas com nível de adaptação ineficaz leve. Nesse sentido, os diferentes níveis de eficácia adaptativa observados a partir da avaliação proposta, através da EDAO-AR-A, parecem oferecer contribuições para superar a dicotomia adaptado vs não adaptado proposta em estudos com objetivo de avaliação desse construto, possibilitando também a avaliação de maiores amostras.

Em relação às comparações realizadas entre os atletas de diferentes categorias esportivas, observou-se que atletas da categorial juvenil apresentaram significativamente maiores índices de adequação no fator Autocontrole de ambos os setores A-R e Pr. Destaca-se que, no fator A-R, ambos os grupos apresentaram valores médios correspondentes ao nível de adequado. No setor Pr, atletas juvenis apresentaram valor condizente com nível de adaptação adequado, enquanto os adultos apresentaram nível pouco adequado. O mesmo fenômeno pode ser observado quanto ao escore total do setor Pr. Isso sugere que atletas juvenis tendem a apresentar respostas adaptativas mais adequadas em situações que exigem controle de seus impulsos, em situações sociais ou no contato com o outro. Também ocorre no que diz respeito à capacidade de controle interno diante das situações-problema oriundas da prática esportiva de alto rendimento como: estabelecer relacionamentos entre companheiros de equipe e comissão técnica, capacidade de realizar gestos técnicos e táticos em momentos decisivos.

Diante de tais fenômenos, duas hipóteses podem ser levantadas: A) Maturidade cronológica e participação em um nível competitivo mais alto não garante maior satisfação com as próprias respostas adaptativas. Tais perspectivas se alinham, parcialmente, à proposta teórica de Simon, que postula que a idade não pode ser vista como um preditor da Eficácia Adaptativa, haja vista que as pessoas que desenvolvem modelos ineficazes de enfrentamento de situações problemas, e sem contar com intervenção psicológica adequada, os repetem ao longo de seu desenvolvimento^{1,2}; B) O próprio fato de pertencer a um grupo em que o nível de competição

e, portanto, o nível de exigência é mais alto (categoria adulta), promove o desenvolvimento de maiores expectativas, fazendo com que as satisfações com suas respostas adaptativas se tornem mais difíceis de serem alcançadas.

Em relação aos escores apresentados por homens e mulheres que compuseram a amostra, observou-se que os homens apresentaram valor médio significativamente maior do que as mulheres no fator Autocontrole, embora ambos os valores apresentassem valor médio correspondente ao nível de adaptação adequado. O mesmo se aplica ao valor significativamente superior no fator Enfrentamento da tarefa, sugerindo melhor adequação dos homens diante das exigências a serem enfrentadas no cotidiano esportivo. Dessa forma, enquanto homens apresentaram nível de adaptação adequado, as mulheres apresentaram nível pouco adequado. O mesmo pode ser observado quanto ao nível de eficácia adaptativa geral. Tais resultados se assemelham aos apresentados por diversas pesquisas que tiveram por objetivo comparar escores obtidos por atletas do sexo feminino e masculino diante da avaliação de habilidades psicológicas¹¹. Nessa direção, pesquisas indicam que atletas do sexo feminino apresentam nível significativamente menor de motivação intrínseca e extrínseca³⁴, habilidade de desempenho sob pressão no esporte^{35,36} e autoconfiança, bem como níveis significativamente maiores de ansiedade cognitiva e somática, irritabilidade e emotividade³⁴ quando comparadas aos atletas do sexo masculino.

Contudo, a discussão de tais resultados não deve se limitar aos dados aparentes de que as mulheres são menos adaptadas do que os homens quando avaliadas diante as mesmas exigências profissionais do ambiente esportivo, mas sim, direciona o questionamento a outro tema inerente ao esporte brasileiro: as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para se manterem no ambiente esportivo. Nesse sentido, Hillebrand, Grossi e Moraes³⁵ apresentam a visão das mulheres atletas de futsal quanto ao preconceito vivenciado no que concerne a imagem corporal, menores oportunidades de patrocínio, diferenças salariais e piores condições profissionais em relação aos jogadores homens.

Os reflexos dessas más condições de trabalhos são percebidos também nas tentativas frustradas de constituição de um campeonato nacional de basquete e futebol feminino, pois, embora o Brasil seja considerado o país do futebol, com importantes jogadoras e expressivos títulos internacionais, não possui um campeonato bem organizado e explorado pela mídia, como ocorre com a modalidade masculina. Observa-se também a inconstância na manutenção de equipes femininas, fazendo com que as atletas se deparem cotidianamente com incertezas quanto à temporada seguinte. Vale ressaltar que tais movimentos são comuns às diversas modalidades esportivas, não se restringido apenas ao futebol, e atinge atletas de diferentes níveis competitivos, incluindo as olímpicas^{36,37}. Diante dessas condições sociais, pode-se inferir que as mulheres sofrem demandas específicas no cotidiano esportivo, refletindo inclusive na qualidade de suas respostas adaptativas, uma vez que estas podem expressar menor satisfação com a carreira, bem como o estabelecimento de conflitos internos e/ou externos, critérios para a avaliação das respostas adaptativas².

Quanto à classificação geral da eficácia adaptativa, os resultados se assemelham àquelas obtidos por Nobrega³⁰, a adequação sugerindo que, na maior parte dos casos, os atletas apresentavam comprometimentos no setor Pr. Nesse sentido, a EDAO-AR-A apresentou boa capacidade em identificar pessoas com diferentes níveis de adaptação, demonstrando, assim, o

potencial de utilidade do instrumento na construção de um diagnóstico esportivo ao revelar um importante atributo dos sujeitos avaliados.

Considerações finais

A avaliação da adaptação de atletas ainda se configura como um importante desafio ao psicólogo do esporte, em especial quando se trata de uma avaliação contextualizada que considere os aspectos sociais nos quais tais sujeitos estão inseridos. A fim de contribuir com tais objetivos, pode-se considerar que esta pesquisa teve seus objetivos satisfatórios quanto à avaliação da adaptação de uma amostra composta por atletas brasileiros. Destacam-se os limites desta pesquisa, que se baseia em uma amostra composta por conveniência, oriunda de uma região específica do país, região sudeste, bem como a falta de informação quanto ao nível competitivo dos atletas: internacional, nacional ou regional, que também poderia fornecer importantes informações a respeito da adaptação. Nesse sentido, sugere-se a realização de pesquisas futuras que envolvam amostras mais heterogêneas e representativas quanto às diferentes regiões geográficas do país, que contem também com participação de atletas de modalidades individuais e outras informações características da amostra. Portanto, sugere-se cautela na generalização dos resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

1. Simon R. Psicologia clínica preventiva: novos fundamentos. São Paulo: EPU; 1989.
2. Simon R. Psicoterapia breve operacionalizada: teoria e técnica. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2005.
3. Peixoto EM, Yoshida EMP. Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para Atletas (EDAO-AR-A). Formulário; 2012.
4. Gomes AR. Adaptação humana em contextos desportivos: contributos da teoria para a avaliação psicológica. *Aval. psicol.* 2011; 10(1): 13-24.
5. De Rose DJr. A competição como fonte de estresse no esporte. *RBCM.* 2002; 10(4): 19-26.
6. Reynes E, Canovas S, Ferrand C, Pantaleon N. Consequências emocionais dos erros de arbitragem nos jogadores de futebol: estudo exploratório. *Psicol. Soc.* 2008; 20(1): 5-15.
7. Lizuka CA, Dantas LEPBT, Machado AA, Marinovic W. Controle da ansiedade em mesa-tenistas e a sua relação com o desempenho esportivo. *Rev. Mackenzie Educ. Fís. Esporte (Online).* 2005; 4(4):127-135.
8. De Rose DJr, Deschamps S, Korsakas P. Situações de stress no basquetebol de alto rendimento: fatores extracompetitivos. *RBCM.* 2001; 9(1): 25-30.
9. Gomes AR, Feliu JC. Relação treinador-atleta e exercício da liderança no desporto: a percepção de treinadores de alta competição. *Estud. psicol.* 2006; 11(1): 5-15.

10. Simões AC, Conceição PFM, Cortez JA. Psicossociologia do esporte: um jogo paradoxal de forças inconscientes. *Bol. Psicol.* 2009; 59(130): 31-43.
11. Weinberg RS, Gould D. *Foundation of sport and exercise psychology* 5th ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.
12. Ramadas S, Serpa S, Krebs R. Psicologia dos Talentos em Desporto: um olhar sobre a investigação. *Motriz.* 2012; 23(3): 331-345.
13. Stambulova N. Talent development in sport: a career transitions perspective. In: Tsung-E MH, Lidor R, Hackfort D, editors. *Psychology of sport excellence*. Morgantown: Fitness Information Technology; 2009: 63-74.
14. Brandão MRF, Magnani A, Medina JP, Tega EC. Além da cultura nacional: o expatriado no futebol. *RBCM.* 2013; 21(2): 177-182.
15. Fontes RCC, Brandão MRF. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. *Motriz.* 2013; 19(1): 151-159.
16. Strachan L, Côté J, Deakin J. A new view: Exploring positive youth development in elite sport contexts. *Qualitative Research in Sport, Exercise, and Health.* 2011; 3: 9-32.
17. Schinke RJ, Tenenbaum G, Lidor R, Battochio RC. Adaptation in action: The transition from research to intervention. *The Sport Psychologist.* 2010; 24(4): 542-557.
18. Battochio RC. Stress episodes and adaptation in the national hockey league according to canadian professional hockey players from Ontario. 181 f. Tese (Doctor of Philosophy in Human Studies), Laurentian Université, Sudbury, Ontario; 2010.
19. Tenenbaum G, Jones CM, Kitsantas A, Sacks DN, Berwick JP. Failure adaptation: An investigation of the stress response process in sport. *International Journal of Sport Psychology.* 2003; 34(1): 27-62.
20. Schinke RJ, Michel G, Gauthier A, Danielson R, Pickard P, Peltier D, Pheasant C, Enosse L, Peltier M. The adaptation to the mainstream in elite sport: An Canadian Aboriginal perspective. *The Sport Psychologist.* 2006; 20(4): 435-448.
21. Campbell EE, Sonn C. Transitioning into the AFL: Indigenous football players' perspectives. 2009; Retrieved from <http://www.athleticinsight.com/Vol11Iss3/Feature.htm>.
22. Schinke RJ, Battochio RC, Dubuc NG, Swords S, Apolloni G, Tenenbaum G. Understanding the adaptation strategies of Canadian Olympic athletes using archival data. *Journal of Clinical Sport Psychology.* 2008; 2(4):337-356.
23. Battochio RC, Schinke RJ, Battochio DL, Halliwell W, Tenenbaum G. The adaptation process of National Hockey League players. *Journal of Clinical Sport Psychology.* 2010; 4(4): 282-301.
24. Battochio RC, Schinke RJ, McGannon KR, Tenenbaum G, Yukelson D, Crowder T. Understanding immigrated professional athletes' support networks during post-relocation adaptation through media data. *International Journal of Sport and Exercise Psychology.* 2013; 11:101-116.
25. Peixoto EM, Honda GC, Yoshida EMP. Eficácia adaptativa e transição de carreira esportiva: da compreensão à intervenção. *Rev. Bras. Psicol. Esporte.* 2011; 4(1): 32-48.
26. Peixoto EM. Desenvolvimento de versão da Escala Diagnóstica Adaptativa para Atletas

- (EDAO-AR-A). 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP; 2012.
27. Peixoto EM, Yoshida EMP, Nakano TC. Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para Atletas (EDAO-AR-A): primeiras evidências de validade e precisão (Manuscrito).
28. Simon R. editor. Psicoterapia psicanalítica ou psicoterapia breve? Trabalho apresentado ao 4º Encontro de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica; Out; Universidade de São Paulo, SP; 2000.
29. Yoshida EMP, Enéas MLE, Santeiro TV. Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO): Avaliação da Qualidade da Eficácia Adaptativa. In: Santos AAA, Sisto FF, Boruchovitch E, Nascimento E, editores. Perspectiva em avaliação psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2010: 211-227.
30. Nobrega CM. Avaliação da eficácia adaptativa de atletas de basquetebol. 40 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP; 2012.
31. Yoshida EMP. Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada de Autorrelato - EDAO-AR: Evidências de Validade. *Paidéia*. 2013; 23(54): 83-91.
32. Coimbra DR, Barra Filho M, Andrade A, Miranda A. Habilidades psicológicas de coping em atletas brasileiros. *Motricidade*. 2013;9(1): 95-106.
33. Coimbra DR, Gomes SS, Oliveira HZ, Rezende RA, Castro D, Miranda R, et al. Características Motivacionais de atletas brasileiros. *Motricidade*; 2013; 9(4): 64-72.
34. Craft L, Magyar M, Becker B, Feltz D. The relationship between the competitive state anxiety inventory-2 and sport performance: A meta-analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. 2003; 25: 44-65.
35. Hillebrand MD, Grossi KP, Moraes JF. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. *Psico*. 2008; 39(4): 425-430.
36. Mesquita A, Nascimento ES. A Participação da mulher brasileira no esporte a partir dos anos 1980: O que de fato mudou? In: Rúbio K, editor. *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011: 167-182.
37. Rubio K. A cordialidade feminina no esporte brasileiro. In: Rúbio K, editor. *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011: 85-102.